MEMÓRIA, DEPRIVAÇÃO E CUIDADO: CONTRIBUIÇÕES DE WINNICOTT PARA COMPREENDER AS EXPERIÊNCIAS DE CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS

Elda Thayná Souza Nascimento
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0007-6459-3246
Endereço eletrônico: eldathaynasouza@gmail.com

Carmem Virgínia Moraes da Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4792-9939
Endereço eletrônico: carmem.virgínia@uesb.edu.br

Palavras-chave: deprivação; Infância; Memória de presença; negligência.

INTRODUÇÃO

A discussão acerca da memória, na perspectiva psicanalítica Winnicottiana, remete às experiências primordiais de cuidado que marcam os estágios iniciais do desenvolvimento emocional. Para Winnicott (1983), o bebê encontra-se, nos primeiros momentos da vida, em estado de dependência absoluta em relação ao ambiente, necessitando integralmente de um cuidador capaz de atender às suas necessidades físicas e emocionais. Nesse período, o desenvolvimento não pode ser compreendido de forma isolada do ambiente, uma vez que a constituição do self ocorre a partir das experiências relacionais estabelecidas com aquele que exerce a função materna.

A sustentação oferecida por esse cuidador é descrita por Winnicott (1983) por meio do conceito de *holding*. Mais do que o ato de segurar fisicamente o bebê, o *holding* refere-se à provisão ambiental total que possibilita ao lactente existir e desenvolver-se em condições de segurança. Através dessa adaptação sensível às necessidades infantis, o ambiente favorece a integração psíquica do bebê e a constituição de eu capaz de estabelecer relações com o

mundo. A repetição dessas experiências de cuidado, proteção e previsibilidade produz efeitos que ultrapassam a satisfação imediata das necessidades do bebê. A partir da leitura de Winnicott, as autoras Trindade e Silva (2021) propõem a noção de memória da presença, compreendida como uma inscrição psíquica construída pela constância da maternagem e pela confiabilidade do ambiente. Trata-se de uma memória que antecede a linguagem e a recordação consciente, constituindo-se a partir das experiências reiteradas de encontro com um cuidador que se faz presente e disponível. Nesse sentido, a presença confiável do outro torna-se fundamento para a constituição de um sentimento de continuidade e segurança, permitindo que o bebê gradualmente experimente o mundo como um lugar habitável.

Entretanto, nem todas as crianças conseguem ter essa experiência de continuidade e confiabilidade ambiental ao longo do desenvolvimento. Em determinadas trajetórias, o ambiente que inicialmente ofereceu condições para a constituição da memória da presença passa a falhar de forma significativa, comprometendo a sustentação emocional necessária ao amadurecimento infantil. Para Winnicott (2023), a deprivação caracteriza-se como uma experiência emocional marcada pela perda de um ambiente de cuidado significativo que esteve presente na vida da criança durante um período considerável de seu desenvolvimento. Trata-se da retirada ou interrupção de algo positivo que fazia parte da realidade emocional da criança, produzindo uma ruptura na confiabilidade do ambiente e na continuidade das experiências de cuidado.

Violações de direitos por violência ou abandono levam ao afastamento familiar e ao acolhimento institucional. As casas-lares acolhem temporariamente essas crianças, garantindo proteção integral e desenvolvimento físico e emocional até a definição judicial por adoção ou retorno familiar (Silva & Aquino, 2005).

Diante disso, este trabalho tem como objetivo discutir, a partir das contribuições de Donald Winnicott, a relação entre memória, experiências de cuidado, falha ambiental e deprivação em crianças acolhidas institucionalmente. A relevância deste estudo reside na necessidade de ampliar as discussões sobre memória e infância em contextos de vulnerabilidade social, contribuindo para a compreensão dos efeitos subjetivos produzidos pelas rupturas nos vínculos de cuidado primários.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica, fundamentada principalmente nas contribuições de Donald W. Winnicott presentes nas obras *O ambiente e os processos de maturação* (1983) e *Deprivação e Delinquência* (2023), articulada às formulações de Trindade e Silva (2021) acerca da memória de presença e desenvolvimento emocional em Winnicott. Complementarmente, foram consultados estudos sobre o acolhimento institucional e desenvolvimento emocional infantil, visando contextualizar as experiências de ruptura dos vínculos de cuidado discutidas neste trabalho.

A análise do material bibliográfico foi realizada a partir de uma leitura interpretativa orientada pela perspectiva psicanalítica winnicottiana, privilegiando a identificação de conceitos e articulações teóricas que possibilitem compreender as relações entre memória, cuidado, falha ambiental e deprivação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A literatura analisada permitiu compreender que as experiências iniciais de cuidado favorecem a constituição de uma memória de presença, sustentada pela confiabilidade do ambiente e pela continuidade dos cuidados oferecidos à criança. Quando esse ambiente passa a falhar de forma significativa, instauram-se experiências de deprivação que rompem essa continuidade e abalam a confiança anteriormente construída no ambiente. Nesse contexto, Winnicott (2023) afirma que a criança deprivada busca constantemente fazer com que o ambiente volte a ser significativo e confiável. Sob essa perspectiva, comportamentos frequentemente interpretados como problemáticos podem ser compreendidos como tentativas de recuperar a segurança e o cuidado anteriormente perdidos. Mais do que manifestações de desobediência ou inadequação, tais comportamentos expressam um apelo dirigido ao ambiente, na expectativa de reencontrar condições de sustentação emocional capazes de restaurar a confiança abalada pelas experiências de ruptura.

Essa compreensão encontra respaldo nos achados de Melo et al. (2025), que identificaram entre crianças acolhidas reações frequentes como queda do rendimento escolar, dificuldade de concentração, agressividade, carência afetiva, tristeza, isolamento e problemas de sono e alimentação. Segundo Tinoco (2007) tais manifestações podem ser entendidas

como formas de elaboração das perdas vivenciadas e tentativas de adaptação à nova realidade. Assim, comportamentos frequentemente interpretados como má conduta ou ingratidão podem representar, na verdade, expressões do processo de luto decorrente da ruptura dos vínculos familiares e das mudanças impostas pela institucionalização.

Para Winnicott (2023), reparar a deprivação infantil depende de um ambiente estável e organizado, demonstrando que o cuidado se materializa no oferecimento de condições cotidianas adequadas de habitação, subsistência, educação e cultura, e não apenas em intervenções psicológicas.

Nesse sentido, a possibilidade de habitar um espaço previsível, marcado pela presença de rotinas, pela disponibilidade de alimento, por condições adequadas de descanso e pela continuidade dos cuidados, pode favorecer a reconstrução gradual da confiança no ambiente. Para crianças em acolhimento institucional, tais experiências assumem especial relevância, uma vez que podem representar oportunidades de encontro com formas de cuidado capazes de contrapor as vivências anteriores de negligência e instabilidade.

A reconstrução da confiança após experiências de deprivação não ocorre de maneira imediata. Ao contrário, Winnicott (2023) sugere que a criança tende a dirigir ao novo ambiente sentimentos de raiva, desconfiança e agressividade relacionados às falhas vivenciadas anteriormente. Nessa perspectiva, comportamentos frequentemente compreendidos como desafiadores podem ser entendidos como tentativas de verificar a estabilidade e a confiabilidade do ambiente atual. Antes de abandonar as defesas construídas diante de experiências de negligência e perda, a criança necessita certificar-se de que o novo contexto será capaz de sustentar suas necessidades emocionais.

A estabilidade do ambiente não implica necessariamente permanência indefinida dos vínculos ou ausência de mudanças. No contexto do acolhimento institucional, transições como o retorno à família de origem ou o encaminhamento para a adoção constituem possibilidades previstas. Entretanto, a perspectiva winnicottiana permite pensar que tais mudanças necessitam ocorrer em um contexto de sustentação emocional, no qual a criança possa ser preparada e acompanhada, evitando que a transição seja vivenciada como mais uma experiência de abandono ou perda abrupta.

CONCLUSÕES

As reflexões desenvolvidas ao longo deste estudo permitiram pensar a deprivação para além da perda concreta dos vínculos familiares, compreendendo-a como uma ruptura na experiência de confiabilidade construída nas primeiras relações de cuidado. Sob essa perspectiva, a compreensão das vivências de crianças acolhidas requer considerar não apenas os acontecimentos que culminaram em seu afastamento da família de origem, mas também as experiências de presença, cuidado e falha ambiental que atravessam suas histórias.

A literatura destaca que ambientes estáveis, previsíveis e relações de cuidado contínuas oferecem segurança e pertencimento no acolhimento institucional, apesar das transições cotidianas. Assim, estas reflexões buscam ampliar a compreensão sobre os efeitos da deprivação e fortalecer práticas de cuidado mais sensíveis às demandas emocionais dessas crianças.

REFERÊNCIAS

MELO, I. M; SANTOS, D. B.; OLIVEIRA, D. P; KLINGER, E. F.; BATISTA, J. P. A vivência do rompimento de vínculo familiar em crianças residentes em uma instituição de acolhimento. **Estilos da Clínica.** São Paulo, Brasil, v. 30, n. 1, p. 114–129, 2025.

SILVA, E. R. A.; AQUINO, L. M. C. Os abrigos para crianças e adolescentes e o direito à convivência familiar e comunitária. **Políticas Sociais – Acompanhamento e Análise**, n. 11, p. 186-193, 2005.

TINOCO, V. **O luto em instituições de abrigamento:** um desafio para cuidadores temporários. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

TRINDADE, J. C. S; SILVA, M. D. C. F. Memória da presença e desenvolvimento emocional em Winnicott. **Natureza Humana**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 55-82, 2021.

WINNICOTT, D. W. **Deprivação e delinquência.** Organização de C. Winnicott, R. Shepherd e M. Davis. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Ubu Editora; WMF Martins Fontes, 2023.

WINNICOTT, D. W. Teoria do relacionamento paterno-infantil. *In*: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação:** estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983. cap. 3.